Paola LouSilva

Tudo azul, tudo bem

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2016

Paola LouSilva

Capítulo 1

Veronique Torres Melo, quinze anos e nove meses. Essa sou eu, a garota do sarcasmo e da ironia. A garota que se empolga com seriados de terror, drama, comédia e romance, embora tente ao máximo esconder tudo de emocional que há dentro de si. A garota que odeia amendoins de corpo e alma, tanto que às vezes até mente dizendo que é alérgica. A garota que, em um mundo tão cheio de informação, não sabe dizer que tipo de garota é. Quero dizer, não acho que garotas devam ser separadas em diferentes categorias como se fossem absorventes. Isso soa normal pra você? Porque, pra mim, soa muito estranho.

A primeira coisa que eu devo esclarecer é que minha vida não é lá das mais interessantes. Não vou a festas, não conheço muitas pessoas e meus planos para o fim de semana geralmente envolvem pipoca, TV e minhas pantu-

fas de joaninha. Não sou lá o ser mais sociável do mundo, para desespero total da minha mãe que, ao contrário de mim, está festejando o tempo inteiro, mesmo que não haja motivo aparente pra isso. Ela é do tipo que adora conhecer novas pessoas e dançar, não importa o gênero musical. Tenho certeza que, se alguém começar a bater numa latinha perto dela, ela cria uma coreografia em segundos. Quando não está trabalhando no Hotel Atlanta, na beira mar de Boa Viagem, ela está em alguma boate no Recife Antigo. Ou em Olinda. Na verdade, eu nunca sei direito onde ela está.

O que me tira do sério mesmo é quando ela vem com aquele textinho decorado de sempre: "Docinho, vou sair. Você deveria fazer o mesmo, menina! Não precisa me esperar, viu?". Como se eu a esperasse. Parei quando tinha oito anos, quando vovó Sônia passava mais dias em Recife pra ficar comigo. Agora fazemos mais a linha "família descolada, independente e segura de si". Alguma coisa tinha que estar diferente, não é? Quero dizer, tenho quase dezesseis anos. Não que eu esteja dando uma de adulta e dona do meu nariz, mas se eu não falar por mim, quem vai?

Minha mãe e eu moramos no mesmo lugar desde que eu nasci. Meu pai também morou aqui até os meus três meses de idade, quando eles tinham dezoito anos e resolveram se separar, desistindo de uma vez do casamento de conto de fadas. Ao que tudo indica, meu pai entende que fins de relacionamento implicam em cortar relações com a filha. O típico pai presente.

Mas se existe uma coisa quase tão irritante quanto o meu pai fingindo que eu não existo é um primeiro dia de aula. Primeiros dias de aula sempre foram e sempre serão horríveis, e hoje é o meu primeiro dia de aula em uma escola *nova*. Sério, alguém precisa de mais alguma coisa pra agir como se estivesse de TPM sem realmente estar? O que torna isso menos chato é que Matheus e eu vamos estudar juntos. Matheus é meu melhor amigo desde os tempos de fralda. Ele me viu esfolar o joelho no parquinho do prédio e me ensinou a usar o micro-ondas quando eu precisava esquentar o escondidinho de charque congelado que a minha mãe deixou pro meu almoço. Se eu casar algum dia, ele vai ser o padrinho. Enquanto isso está longe de acontecer, ele é um bom amigo e uma ótima companhia nas aulas.

Passei um tempão pensando em como seria não estar no São Bento, meu antigo colégio. Eu estava tão acostumada a tudo lá... Só de pensar, sinto falta da minha antiga turma, dos professores — só os mais legais —, e... Tá, vou sentir falta de Felipe. Alto, olhos azuis e cabelos claros. Dono de um sorriso embaraçoso de tão bonito. Tudo isso descreve o meu amor platônico e levemente ridículo, que nunca saiu da minha cabeça e nem virou realidade. Não me orgulho muito desse sentimento, pra ser honesta. Quer dizer, vamos analisar a situação: eu devo ter trocado três palavras com ele durante a minha vida inteira, mas começo a gaguejar só de pensar nele. Não me julgue, por favor. Eu já faço isso com perfeição.

Em todo caso, tento me manter positiva para o início das aulas. Já ouvi muitas pessoas falando bem do Colégio Santos Degranini, então por que não tentar? Adaptações não são sempre fáceis, mas se fizermos um esforço, tudo dá certo e…

Jesus amado.

Esse uniforme. Eu não me lembrava desse uniforme.

Olha, tudo bem, o colégio é muito tradicional. Eu entendo. Não entendo é essa mania de camisa branca com golas e mangas azuis escuras em um tecido grosso e quente. Alô, estamos em Recife. Alguém já ouviu falar que faz muito calor nessa cidade? Mas essa não é a pior parte. A cerejinha do bolo desse uniforme fica por conta de uma calça tactel azul escura com detalhes amarelos e bolsos que parecem ter sido inventados para levar farinha pras aulas. Quando experimentei a calça, pensei que iria participar de uma prova de gincana em que os participantes deveriam colocar bolas de festa dentro da calça. Essa vista me perturbou tanto que evitei o máximo que pude, mas que, hoje, precisei encarar.

Depois de brigar com o despertador e tomar um banho rápido, vesti a camisa feia e quente, a calça azul que abrigaria duas de mim ao mesmo tempo facilmente, calcei meus tênis pretos básicos que nunca uso e um par de brincos pequenos em forma de raio. Além disso, tirei o esmalte azul que havia pintado há três dias e passei um bege claro no lugar. Não é muito a minha cara, mas de tanto ouvir que o Santos Degranini é um colégio muito tradicional, preferi fazer a menina discreta a levar puxão de orelha de um co-

ordenador careca no primeiro dia de aula.

Antes de sair de casa, deixei um bilhete na geladeira para minha mãe dizendo que tinha ido à escola porque ela ainda estava dormindo. Não faço a mínima ideia de onde ela passou ao noite de domingo, mas pela cara de ressaca e pela pulseirinha laranja em seu pulso que dizia "*Open Bar*", deve ter sido uma noite daquelas.

Peguei a mochila, a bicicleta e fiquei esperando Matheus perto da guarita. Quando ele chegou perto de mim, disse em tom de deboche:

— Gostei da fantasia, Nique. Isso tudo é o medo de ser expulsa do colégio no primeiro dia de aula?

Percebi que ele não usava a calça tactel, e sim jeans escuros e um par de tênis brancos. O cabelo dele, castanho claro bem curtinho, ainda trazia gotinhas d'água em suas pontas.

— Cala a boca, garoto. Não quero me atrasar, vamos logo — respondi, olhando-o bem séria.

— O freio da minha bicicleta está com defeito. Senta no bagageiro que eu vou pedalando — ele falou tranquilamente.

— Ah, tu jura! — protestei. — Por que tu não pega a bicicleta de Caio? — sugeri, referindo-me ao seu irmão.

— Não gosto da bicicleta dele — ele justificou.

— Por quê? Não é macio o suficiente? — perguntei em meu tom mais sarcástico.

— Vai, menina, deixa de ser chata! Só hoje, o que

custa? — ele pediu, como uma criança mimada.

— Se tu me der um bom motivo pra não pegar a bicicleta do teu irmão, eu te deixo ir na minha... Mas eu pedalo — negociei, fazendo pouco do drama dele.

Ele pensou um pouco e falou:

— Vou buscar a bicicleta de Caio. Vê se me espera.

— Lógico que espero, *Lord* — falei, fazendo uma reverência.

Ele voltou em menos de cinco minutos e saímos. Mesmo com o trânsito louco já costumeiro da cidade, conseguimos manter nossas bicicletas próximas sem preocupações com a velocidade e aproveitamos para conversar durante o caminho.

— E aí, tá morrendo de saudade do São Bento que eu sei... — Matheus perguntou, exibindo um sorrisinho quase zombeteiro que surgia em seus lábios grossos.

— Não, nem um pouco — respondi taxativa.

— Sabia que viver em negação faz mal à saúde? — ele perguntou enquanto relaxava as mãos que seguravam o guidão. — Tenho certeza que tu já tá morrendo de saudades de Felipe.

— Tuas certezas são todas furadas — tentei, com todas as minhas forças, manter minha pose de garota bem-resolvida. Não faço ideia se consegui. — Estou com saudades sim, mas de Sofia. Minha amiga. Minha vida não gira ao redor de um garoto, Matheus. Eu nem me lembro de Felipe, se quer saber. Não faz diferença nenhuma.

— Então tá, não toco mais no assunto... — ele finalmente desistiu. — Só quero ter certeza de que você está bem.

— Eu tô bem, que saco — resmunguei com um tom de voz áspero. — Sei que você quer me ver bem. Garanto, eu estou bem. Pode ficar tranquilo — falei tentando consertar algum possível estrago da minha grosseria.

— Não importa quantas sejam as tuas tentativas, você vai continuar sendo a minha irmã preferida — afirmou ele, aproveitando que paramos para me observar.

— Você não tem irmã — falei revirando os olhos enquanto ele ria da própria piada sem graça.

Ficamos calados por um tempo, pelo menos até chegarmos ao Santos Degranini. O colégio é grande, bem maior que o São Bento, por sinal. Os portões de entrada são brancos e largos, enquanto os muros altos foram pintados há pouco tempo com dois tons de azul. Já entendemos, gente. Vocês gostam de azul.

Deixamos nossas bicicletas no estacionamento e entramos no colégio pela entrada principal, indicada por uma grande faixa que dava boas-vindas aos alunos. Minhas mãos suavam consideravelmente e meu coração batia em uma velocidade um tanto exagerada. Náo entendi o motivo, mas preferi ignorar e tentar disfarçar para que Matheus não notasse e piorasse o momento.

Passamos por um corredor vazio e quieto, com azulejos azuis nas paredes e um piso antigo com desenhos que

www.editorapenalux.com.br

paolalousilva@gmail.com

/p.lousilva

@letralou

Composto em Minion Pro e
impresso em Soft 80g/m²
em São Paulo para Editora Penalux,
em setembro de 2020.